
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

MAYARA MARIA SILVA ANIQUIARICO

**A MULHER NA SOCIEDADE E AS DIFERENÇAS DE
GÊNERO: UMA ANÁLISE BIOLÓGICA E SOCIAL DO
PAPEL FEMININO EM ANIMAÇÕES INFANTIS**



Rio Claro
2018

MAYARA MARIA SILVA ANIQUIARICO

A MULHER NA SOCIEDADE E AS DIFERENÇAS DE GÊNERO:
UMA ANÁLISE BIOLÓGICA E SOCIAL DO PAPEL FEMININO
EM ANIMAÇÕES INFANTIS

Orientador: Profa. Dra. Marcia Reami Pechula

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Bacharela e Licenciada em Ciências Biológicas

Rio Claro
2018

A598m Aniquiarico, Mayara Maria Silva
A mulher na sociedade e as diferenças de gênero: : uma análise biológica e social do papel feminino em animações infantis / Mayara Maria Silva Aniquiarico. -- Rio Claro, 2018
45 p. : tabs. + 1 CD-ROM

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura - Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Marcia Reami Pechula

1. Gênero. 2. Determinismo biológico. 3. Desenvolvimento sociocultural. 4. Animações infantis. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Dedico este trabalho as mulheres corajosas que lutaram para que vozes como a minha pudessem ser ouvidas.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos adiante não são apenas para aqueles que apoiaram ou auxiliaram o processo de realização desta pesquisa, mas também àqueles que participaram ou inspiraram de alguma forma minha formação com bióloga, educadora e principalmente humana. Por isso agradeço:

Primeiramente a Deus por seu amor e graça, e por sua constante guia que permitiram que eu chegasse até esse momento. As suas constantes maravilhas, as quais me concede mesmo sem o meu merecimento.

Aos meus pais, Ivan e Marly, aos quais amo incondicionalmente e agradeço por todo amor, sustento e carinho que me ofereceram durante toda a minha vida, e pelos sacrifícios que fizeram e ainda fazem para que eu possa realizar os meus sonhos. Espero que a cada dia ao lado de vocês eu possa recompensar minimamente o amor e dedicação depositados por vocês em mim.

A minha irmã Amanda, a quem também amo incondicionalmente e que tem sido minha constante companheira em todo e qualquer momento, oferecendo a mim um amor imensurável e a confiança que sempre terei alguém em quem me apoiar em qualquer fase da vida.

A todos os meus familiares que de alguma forma estiveram presentes também oferecendo amor, apoio e motivação. Em especial ao meu tio Márcio, minha tia Sirlei, e primas Lívia e Rafaela, os quais me ofereceram também um lar no início da minha formação.

A professora Claudia Longatti, que ao me ensinar biologia durante o ensino médio, o fez com tanto amor, que fez crescer em mim a vontade de fazer o mesmo. Daqui em diante espero ser uma profissional tão admirável quanto.

Ao professor Odair Correa Bueno por todas as oportunidades e pelos dois anos em que me acolheu na monitoria ensinando a mim não apenas sobre embriologia e educação, mas também sobre amor, respeito e dedicação.

Aos meus mestres da licenciatura Rafael Christofolletti, Maria Rosa Camargo, César Leite, Dalva Bonotto e Áurea Costa que contribuíram imensamente não apenas a minha formação com educadora, mas como ser humano, e que também me permitiram ter um novo e melhor olhar sobre a biologia.

A professora Célia Regina Rossi, que permitiu que eu enxergasse o mundo como ele é, possibilitando o meu empoderamento e reconhecimento como uma mulher feminista.

A minha orientadora Marcia Reami Pechula, primeiro por ter me acolhido na primeira vez em que a procurei e acreditado no trabalho que poderia ser desenvolvido. Depois por

todas as conversas, apoio e motivação que permitiram que esta pesquisa fosse realizada. E por fim por ter participado do que considero ter sido meu maior processo formativo dentro da universidade.

Aos alunos que encontrei durante os anos de monitoria e estágio supervisionado, os quais permitiram que eu alcançasse a certeza de que desejo seguir a carreira de educadora, e que lembrarei sempre com muito carinho.

As amigas que encontrei durante meu primeiro ano, Lana, Bruna, Daniela, Gabriela e Letícia, que me acolheram com seu amor e experiência, muitas vezes me impedindo de desistir.

Aos meus amigos, carinhosamente chamados Gangue do Marrocos, que são o que levo de melhor dos últimos cinco anos da minha vida. Que seguraram minha mão, me apoiaram durante todas as dificuldades e que maiormente encheram meus dias de amor e alegria. A cada um deles devo um agradecimento especial.

A Beatriz, pela disposição diante de todos os convites para estarmos juntos, mesmo que fosse apenas para tomar suco de laranja. Por amar e oferecer sua amizade na mesma medida em que consegue se irritar. E por ter compartilhado comigo o amor pela embriologia.

A Carol, por todas as madrugadas, finais de semanas e conversas. Por todos os socorros que jamais falharam quando precisei. E pela sensatez e calma que mantiveram meus pés no chão, principalmente quando eu achava que estava morrendo por qualquer doença.

Ao Felipe, pelo amor e lealdade oferecidos incondicionalmente, mesmo durante os acessos de raiva. A companhia constante nas madrugadas e principalmente na vida. E por nunca ter recusado sequer uma vez um chamado meu, especialmente se envolvia comida.

A Francielli, que trouxe consigo tanta alegria, amor e animação, que contaminou todos os aspectos da minha vida. Pela parceria e ajuda em todos os momentos que precisei. E pelos incontáveis momentos de paz saboreando o café pela manhã.

A Isabela, que em todos os momentos de tristeza e angústia possuía um abraço e um carinho a me oferecer. Mas que esteve presente também nos momentos de alegria e conquistas. E por também ter representado em todos esses anos um ponto de sensatez.

A Jaqueline, por encher os meus dias de risadas, pelas viagens incontáveis, e por ouvir atenciosamente literalmente qualquer coisa que eu tenha a dizer. E por ter sido a melhor parceira que eu poderia pedir durante os estágios, embarcando em todas as ideias malucas.

A Jessica, que das magias das trevas, trouxe muita alegria e animação. Por ter recebido as festas mais estranhas já vistas. E por ter sido uma inspiração, principalmente nas aulas de didática, durante a construção do meu pensamento crítico.

Ao João, que também sobreviveu aos meus ataques de raiva, por ter voltado a falar comigo todas as vezes. Por estar presente todos os dias, por mensagem ou pessoalmente. E por ter me oferecido ajuda, amor, amizade e comida em todos os momentos.

A Juliane, por apesar de ter chego a pouco tempo, nunca ter hesitado em apoiar a mim e a realização desta pesquisa.

A Letícia, pelas noites de pizza e vídeo game. Por ter criado a conversa que permitiu a formação desse grupo maravilhoso, e por ter participado desses momentos.

A Marcela, por mesmo dormindo ter permanecido nas maratonas para que pudéssemos estar juntos. Pela inspiração que se tornou no meu processo de empoderamento. E por sempre me defender do João e do Felipe.

A Raquel, por ter me adotado com muito amor desde o primeiro dia em que me conheceu e ter segurado a minha mão até que eu conseguisse caminhar sozinha. E pela amizade e alegria que continua a me oferecer até hoje.

Certamente a visão de um futuro sem a presença diária e constante de vocês me assusta, mas me alegro em saber que a amizade que construímos, para muitos de maneira inimaginável, me fez amadurecer muito mais que o equivalente a cinco anos, e que por mais incerto que o futuro possa ser eu terei um pouco do que aprendi com cada um dentro de mim.

“Fico triste por ter falado como se algo tão simples como aquilo que nasceu com você, fosse seu maior orgulho, quando seu espírito já despedaçou montanhas”

(Rupi Kaur, 2015, p. 217)

RESUMO

A origem das diferenças entre os gêneros feminino e masculino têm gerado controvérsias no meio científico por muitos anos, nos quais diversas teorias foram levantadas e discutidas. As teorias que acreditam que essas diferenças são inatas aos indivíduos se respaldam em áreas como a evolução, genética, psicologia e endocrinologia, enquanto as que acreditam em uma construção social se respaldam em estudos antropológicos, históricos e culturais. No entanto, independente da origem das disparidades de comportamentos e condições sociais presentes entre mulheres e homens, as condições de dominação e exploração feminina presentes na sociedade não podem ser negadas. E assim como são reproduzidas nas relações humanas, elas também alcançaram as mídias de entretenimento. Dessa forma o presente trabalho tem por objetivo comparar três animações infantis buscando remontar as teorias evolutivas, biológicas e sociais quanto as diferenças entre os gêneros. A pesquisa de natureza qualitativa constitui-se de uma análise de conteúdo, seguindo a metodologia descrita por Bardin (2004), de três animações produzidas pela Disney. Em um primeiro momento foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre as teorias que buscam explicar as diferenças entre os gêneros como o determinismo biológico, o desenvolvimento sociocultural, a psicologia evolutiva e a biologia evolutiva do desenvolvimento, além de temas que perpassam as questões de gênero e sexualidade, e estatísticas sobre a atual situação da mulher na sociedade. A escolha das animações e das categorias foram realizadas de acordo com a análise flutuante e o procedimento de caixas (Bardin, 2004), respectivamente. As animações que serão analisadas na presente pesquisa são: A Bela Adormecida (1959), Mulan (1998) e Moana (2016).

Palavras-chave: Diferenças Sexuais. Evolução. Determinismo. Gênero.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	11
2.2 Objetivos específicos.....	11
3 A BUSCA PELA ORIGEM DAS DIFERENÇAS ENTRE OS GÊNEROS	12
3.1 As teorias evolutivas, biológicas e sociais	12
3.2 A ciência e o mal do homem	18
4 PRINCESAS DA DISNEY E A QUESTÃO DE GÊNERO.....	26
4.1 Era uma vez.....	26
4.1.1 A Bela Adormecida (A).....	26
4.1.2 Mulan (B)	26
4.1.3 Moana (C).....	27
4.2 Vida longa as princesas	28
4.3 Por trás das câmeras	29
4.4 Espelho, espelho meu: as princesas como reflexo da sociedade e ciência.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

A posição marginalizada da mulher na sociedade não é recente e nem restrita a alguma região. Segundo Sherry B. Ortner (1974) este é um fato universal e pancultural, no qual ainda que com diferenças de classe, cultura, religião, idade, raça e sexualidade, as mulheres estarão em uma posição secundária. O que conseqüentemente faz com que os homens se tornem o gênero dominante, desenvolvendo relações de poder independentemente dos fatores citados acima (GREIG; KIMMEL; LANG, 2000).

Isso se torna mais claro quando olhamos algumas estatísticas de gênero globais. Dados coletados pela ONU em 2015 mostram que apenas 50% das mulheres do mundo estão inseridas no mercado de trabalho, enquanto o número para os homens é de 77%, sendo que grande parte dessas mulheres exercem atividades voltadas para os serviços domésticos, sendo pouco representadas em cargos de tomada de decisão e gerência. Os dados ainda mostram que mulheres ao redor do mundo recebem de 70 a 90% do salário dos homens (ONU, 2015).

Além disso, a violência contra a mulher também configura outra face das relações de poder presentes na sociedade. Também em 2015 a ONU afirmou que a violência contra a mulher é uma pandemia mundial, na qual uma a cada três mulheres no mundo todo já vivenciou algum tipo de violência física ou sexual, na maioria das vezes praticada por um parceiro ou membro da família. Enquanto isso, em 2014 no Brasil, um caso de estupro foi reportado a cada 11 minutos (BBC, 2017; ONU, 2015).

Que essa tem sido a configuração das sociedades em uma escala global, não há dúvidas, além disso, as diferenças biológicas, psicológicas, comportamentais e sociais presentes entre homens e mulheres também são inegáveis. No entanto o que tem gerado grande controvérsia no meio científico é a busca por uma teoria que explique como essas diferenças surgem e são expressadas, e como elas levam à reprodução dos papéis de cada gênero, como os conhecemos. Buscando responder tais perguntas algumas teorias principais vêm sendo debatidas por pesquisadores, entre elas a teoria do determinismo biológico (DB) e a do desenvolvimento sociocultural (DS). Esse grande embate da ciência ficou conhecido como *nature vs nurture* (SCHMITZ, 2010).

No entanto, independente da origem das disparidades de comportamentos e condições sociais presentes entre homens e mulheres, mais uma vez elas não podem ser negadas, e assim como são reproduzidas nas relações humanas, elas também alcançaram as mídias de entretenimento como os livros, televisão, jornais, revistas, moda e cinema (UDRY, 2000). A

televisão, um elemento muito cotidiano na vida da população, passou de um símbolo de status para um eletrodoméstico comum na década de 90, se tornando um grande difusor de ideias e valores. Sua popularização também facilitou o acesso a produções que antes apenas poderiam ser assistidas em cinemas, tornando também filmes e animações em algo cotidiano (SIGNORIELLI, 1999). Tendo como principal alvo o público infantil, as animações se encontram muito presentes na infância e mesmo na escola, elas têm sido usadas como uma ferramenta útil para o ensino (TOMAZI, 2009; BREDER, 2013).

Um termo que busca explorar a natureza educativa além daquela ligada a noção escolar, mas também as relações culturais é a *Pedagogia Cultural*, que enxerga outras instâncias como a família e a mídia, como transmissoras de conhecimentos, valores e habilidades, contribuindo assim para a perpetuação de relações de poder (SABAT, 2001; STEIBERG, 2001). Nesse sentido no presente estudo assumimos as animações infantis como uma forma de pedagogia cultural, capaz de romper ou perpetuar com as relações de poder entre os gêneros. Sendo assim esse estudo entende a importância de identificar, inferir e problematizar as questões de gênero em animações infantis, devido ao alcance que esses meios de entretenimento têm na formação infantil e na perpetuação da ideologia machista em nossa sociedade. Além disso, o presente trabalho também buscar compreender a influência da ciência, mais especificamente da biologia, na propagação e perpetuação desses valores.

Assim sendo, a presente pesquisa de natureza qualitativa, será apoiada na análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2004), de animações infantis produzidas pela Disney. As animações foram selecionadas através de uma análise flutuante (Bardin, 2004), e os critérios utilizados foram que as animações deveriam ser produzidas pela Disney e conter uma personagem feminina no papel principal. Dessa forma os filmes selecionados foram *A Bela Adormecida* (1959), *Mulan* (1998) e *Moana* (2016). No presente trabalho as animações serão denominadas respectivamente como Animações A, B e C.

A categorização foi feita segundo o procedimento de caixas, descrito por Bardin (2004), onde as categorias devem ser definidas previamente. Foram definidas as seguintes categorias para as personagens principais: 1. Possuem um interesse amoroso; 2. Estão em uma situação de poder/liderança; 3. São salvas por um personagem masculino. E as seguintes categorias quanto à própria animação: 1. Apresenta mulheres realizando tarefas domésticas; 2. Apresenta mulheres no papel de mãe; 3. Apresenta crítica ou violência direta ou indireta ao gênero feminino. Além disso espera-se determinar quais teorias as animações respaldam.

2 OBJETIVOS

Analisar de forma comparativa três animações de diferentes épocas, com a finalidade de remontar as teorias evolutivas, biológicas e sociais envolvendo as diferenças comportamentais dos gêneros e seus papéis na sociedade.

2.2 Objetivos específicos

Analisar a contribuição da ciência para o mito da inferioridade feminina.

Analisar teorias evolutivas, biológicas e sociais com o intuito de discutir a situação da mulher na sociedade, e observar como esses aspectos se traduzem em animações infantis da Disney.

Observar a composição das equipes responsáveis pela produção das animações e determinar se a presença ou ausência de mulheres nas produções influenciaram na visão do papel feminino na sociedade.

3 A BUSCA PELA ORIGEM DAS DIFERENÇAS ENTRE OS GÊNEROS

3.1 As teorias evolutivas, biológicas e sociais

As teorias evolutivas ocuparam uma posição central nas discussões acerca das diferenças entre mulheres e homens, e mesmo sendo fonte de diversas controvérsias e mudanças, a teoria da evolução proposta por Charles Darwin em 1859 é hoje amplamente aceita e difundida, e mesmo com as modificações que vieram juntamente com o avanço da ciência, alguns pontos propostos por ele continuam centrais para o pensamento evolutivo. Sendo eles a transformação das espécies ao longo do tempo, a proposição da seleção natural como um mecanismo evolutivo e a ancestralidade comum de todos os seres vivos, e conseqüentemente a visão da evolução como um processo aberto e aleatório (ALMEIDA; EL-HANI, 2010).

Outro aspecto fundamental que permeia a teoria evolutiva é a necessidade da perpetuação da espécie através da geração de descendentes. A reprodução sexual como conhecemos hoje é o resultado de uma seleção sexual que buscou originar indivíduos distintos de seus ancestrais, afim de otimizar a chances de sobrevivência sobre pressões ambientais distintas. Assim as teorias darwinianas sugerem que a seleção sexual só é possível com a existência de dois sexos distintos com características distintas, para que os pares possam selecionar as características que sinalizem vantagens reprodutivas (PARISOTTO et al, 2003).

Se apoiando nos paradigmas evolutivos da seleção sexual, a Psicologia Evolutiva também tenta explicar as diferenças comportamentais entre mulheres e homens. No entanto diferente da teoria original que levava em conta as características físicas, aqui são os comportamentos e seus mecanismos psicológicos que sofrem a ação das pressões evolutivas (PARISOTTO et al, 2003). Assim de acordo com esta teoria, esses comportamentos sociais dos sexos foram construídos através adaptações mediadas pela genética em condições primitivas e segundo os teóricos desta área o fator que mais influenciou este processo foi a diferença do investimento parental entre as mulheres e os homens (BUSS; KENRICK, 1998).

Dessa forma, o argumento proposto é que a mulher sendo o sexo que mais investe na prole através da gestação, lactação e cuidados, passou a ser mais exigente na escolha de um parceiro, diferente dos homens que pouco investiam na prole. E seria a partir dessa dinâmica que os comportamentos de agressividade e competição considerados tipicamente masculinos

teriam sido selecionados, pois os homens precisavam competir pelo acesso sexual às mulheres. Alguns teóricos também argumentam que a competição entre as mulheres para atrair um parceiro a longo prazo que garantisse a fertilidade, fidelidade e recursos para a prole, também moldou a seleção sexual nos humanos. Ainda por conta da fertilização interna os homens não podiam ter certeza da paternidade da prole, assim segundo a psicologia evolutiva, os homens desenvolveram uma tendência ao controle da sexualidade feminina, afim de garantir a paternidade de sua prole (EAGLY; WOOD, 2002). A psicologia evolutiva, apesar de levar outros aspectos em consideração, acaba de muitas maneiras se apoiando também no determinismo biológico.

É também através desse mecanismo que a psicologia evolutiva tenta explicar a predominância do cuidado parental como um encargo feminino. Para os teóricos da área a evolução do cuidado parental foi tão importante que é considerado o segundo grande momento na história evolutiva dos vertebrados, pois foi responsável por criar condições para o estabelecimento de relações emocionais e afetivas entre os indivíduos. E como no ambiente onde se acredita que a evolução humana ocorreu, o investimento parental da mulher era muito maior (gestação, amamentação e proteção durante a coleta de alimentos), para ela a perda de uma criança significaria também uma perda evolutiva, o que não necessariamente ocorria com os homens que tinham um investimento baixo, levando assim a uma especialização do sexo feminino ao cuidado parental (CARVALHO et al., 2008; RODRIGUES, 1988).

É difícil inferir com certeza o exato surgimento do pensamento determinista. Segundo Lewontin, Rose e Kamin (1982), a teoria começou a tomar forma no momento em que a burguesia assumiu as posições de poder nas sociedades pós feudais. Sendo este um período de fortes desigualdades sociais, essas passaram a ser justificadas pela ação inevitável dos genes, de modo que a manutenção da hierarquia por parte das famílias que compunham a burguesia era justificada pelo mérito e capacidade intrínseco de cada indivíduo, determinados geneticamente e assim passados de geração a geração, mantendo assim uma sociedade hierárquica de status, poder e riqueza aos considerados mais capazes (LEWONTIN; ROSE; KAMIN, 1982).

Já no Brasil esse pensamento elevou-se durante a escravidão e também no período abolicionista. Após a abolição, a população negra, completamente marginalizada na sociedade e sem ter onde sobreviver, tornou-se a grande massa nos presídios. Nesse contexto passaram a ser vistos com seres biologicamente inferiores, fadados a constante marginalização e reféns de um discurso racial biológico, o *determinismo racial*, que acabou prolongando a escravidão sobre um novo nome (FREITAS, 2009).

De maneira geral a teoria do determinismo biológico assume que o comportamento do homem e da mulher é pré-determinado geneticamente, e que não sofre alterações de acordo com o desenvolvimento e aprendizado. Dessa forma o determinismo se apega a mecanismos genéticos e hormonais para explicar as distinções comportamentais entre os sexos (COSTELLO; MILLER, 2000).

Um exemplo disso é o estudo feito com os hormônios esteroides gonadais, no qual de acordo com os resultados encontrados os hormônios testiculares são responsáveis por desencadear as características masculinas e inibir características femininas, enquanto hormônios femininos não praticam influência alguma nesses aspectos. Esse modelo amplamente aceito se apoia em dados que mostram que organismos expostos à testosterona e seus metabolitos vivenciaram um aumento de comportamentos tipicamente masculinos e diminuição de comportamentos tipicamente femininos. O modelo também é apoiado em resultados que demonstraram que a ovariectomia, remoção dos ovários, não apresentou nenhum efeito sobre o fenótipo feminino, incluindo comportamentos sexuais e outros comportamentos (COLLAER; HINES, 1995; SCHMITZ, 2010).

Outro estudo em defesa do determinismo biológico buscou mostrar através de uma pesquisa porque o culturalismo não poderia ser puramente responsável pelas diferenças entre mulheres e homens. O trabalho partia de comportamentos considerados tipicamente femininos como gentileza, simpatia, devoção para com outros, afeição e habilidade em cuidar do outro, além de comportamentos considerados tipicamente masculinos como força, agressividade, assertividade, independência, dominância e anseio pelo poder. A pergunta de quais características definiam cada sexo foi repetida em 25 países, e em todos eles os comportamentos citados acima foram enquadrados em seus respectivos gêneros. Com esta pesquisa os autores buscaram mostrar que estas ações e características independem da criação e da construção social e são inerentes à carga genética que acompanha cada um dos sexos (WILLIAMS; BEST, 1982).

Ainda que muito difundida e com muitos apoiadores e estudiosos as teorias deterministas passaram a sofrer com grandes críticas pelo seu caráter reducionista. Estudos que determinavam o comportamento como uma consequência apenas de ativações genéticas ou cerebrais foram duramente criticados por reduzir mulheres e homens a meras consequências de suas propriedades fisiológicas, excluindo por completo sua historicidade e relações sociais (EL-HANI, 1996).

Dentre essas críticas, um estudo realizado em 2003 aponta para os perigos do que ele chama de determinismo *reducionista* biológico. Segundo o autor o que está em discussão não

é a existência de variáveis biológicas, mas sim na redução do comportamento, apenas a condições genéticas e fisiológicas, pois ele coloca que isto torna o sujeito “não passível de corrupção social ou política”, levando a sérias implicações sociais. A exemplo disso, o texto aponta que partindo deste pressuposto torna-se dispensável mudanças políticas e sociais, como a construção de escolas que de fato propiciem a aprendizagem, a criação de condições financeiras dignas a todas as camadas da população ou até mesmo de um sistema carcerário educativo ao em vez de excludente, pois todos estes fatores já estariam pré-determinados pelos genes fornecendo naturalidade para aquilo que já está socialmente posto, mantendo assim relações de poder em todas as camadas da sociedade (NETO et al., 2003).

Uma outra crítica mais radical ao determinismo biológico provém de linhas filosóficas que discutem a artificialidade da espécie humana e quanto o homem foi afastado de seu instinto natural durante os processos culturais de construção das civilizações como as conhecemos. A exemplo desse pensamento temos O Paradigma Perdido: A Natureza Humana de Edgar Morin, que questiona se o homem (espécie) já não teria passado a uma condição extranatural, desprovido de qualquer qualidade biológica. Para Morin o homem ao se transformar de acordo com as sociedades se torna o resultado da cultura e da história, e a natureza passa a ser o que o “homem se desfez, e não aquilo que o constitui”, assim partindo desse pressuposto, o determinismo biológico perderia sua validade (MORIN, 2000).

Como mencionado o pensamento evolutivo sofreu muitas críticas e modificações ao longo do desenvolvimento científico, e ciências como a biologia molecular e a embriologia exerceram grande influência nesse processo. A biologia evolutiva do desenvolvimento é um exemplo desses novos campos e vêm sendo estudada nos últimos 20 anos. Essa nova abordagem volta seu olhar para a evolução da forma orgânica pela perspectiva da expressão dos genes reguladores do desenvolvimento, ou seja, como os genes expressos durante o desenvolvimento embrionário podem originar novas características e comportamentos ao longo da evolução e como ambientes e condições distintas podem alterar a expressão desses genes, sendo este último aspecto também objeto de estudo da epigenética (ALMEIDA; EL-HANI, 2010).

Um exemplo de como essa teoria pode ser aplicada nos estudos de gênero é um estudo realizado em 2017 em Israel com ajuda do projeto GTEx, que mapeou a expressão gênica dos humanos em diversos tecidos do corpo humano em cerca de 550 doadores. O estudo buscou em mais de 20.000 genes codificadores por aqueles que fossem expressos de maneira distinta nos dois sexos e encontraram mais 6.500 com maior atividade em algum dos sexos. Os pesquisadores também avaliaram as mutações acumuladas em tais genes, afim de aferir se a

seleção natural exerce mais ou menos pressão nos homens ou mulheres. Embora o estudo tenha sido voltado principalmente para aspectos fisiológicos e patológicos ele abre precedentes de como a biotecnologia pode atuar em novos estudos envolvendo a evolução e os comportamentos e papéis sociais dos gêneros (GERSHONI; PIETROKOVSKI, 2017).

Por outro lado, os estudos sobre a teoria do desenvolvimento sociocultural tomaram força justamente no momento histórico da criação da palavra gênero. O feminismo durante sua primeira onda na virada do século XIX teve como seu principal foco a luta por direitos políticos, diferente da segunda onda, que no fim dos anos 60, volta seu olhar também para as questões sociais e para os estudos teóricos, tentando entender e combater o patriarcado (PEDRO, 2005). Assim, nesse contexto a palavra gênero é criada justamente com o intuito de rejeitar o determinismo biológico e de incluir o caráter social nas definições de sexo masculino e feminino. No entanto é importante ressaltar que a biologia não é desconsiderada, mas são os aspectos sociais, políticos e históricos, construídos sobre as características biológicas que passam a ser enfatizados (CONNELL, 1995; LOURO, 1997).

A teoria do desenvolvimento sociocultural por sua vez não acredita puramente na predisposição dos comportamentos, e sim na construção social e cultural de estereótipos de condutas e características consideradas adequadas à cada um dos sexos. Dessa forma essas características e condutas seriam aprendidas ainda durante a infância através de mecanismos de imitação e modelagem, nos quais a criança desde cedo aprende, ao observar o comportamento dos adultos, os modos apropriados de ser mulher ou homem, tornando essas características inerentes a sua personalidade e constituintes do seu desenvolvimento emocional e cognitivo. Ainda respaldando a teoria do desenvolvimento sociocultural, a teoria do papel social, concebida por Eagly (1987), coloca que esses comportamentos observados e perpetuados pelas crianças durante a socialização são resultantes dos papéis sociais reservados para cada gênero, ou seja, os comportamentos ditos femininos e masculinos existem por causa do papel social reservado a mulher e ao homem, e são aprendidos geração após geração (NOGUEIRA, 2001).

Portanto os teóricos dessa área acreditam que muitas das relações de poder existentes hoje, advém da divisão sexual do trabalho, que destinou e hoje em menor escala, ainda destina o homem aos trabalhos voltados às esferas produtivas e a mulher às esferas reprodutivas, culminando na detenção do poder social pelo gênero masculino. E esse sistema de separação do trabalho acontece segundo dois princípios: a separação e a hierarquização. O princípio da separação consiste na crença de que existem trabalhos para mulheres e trabalhos para homens,

enquanto o princípio da hierarquização consiste na crença de que o trabalho realizado pelo homem possui um valor superior àquele realizado pela mulher (KERGOAT, 2000).

Dentre a divisão sexual do trabalho, um aspecto muito discutido é o papel da mulher como cuidadora. Enquanto a evolução buscou explicar a predominância de mulheres nesse papel através da teoria do investimento parental, o desenvolvimento sociocultural busca explicar esse fenômeno através dos modelos de socialização primária e modelagem cultural. O primeiro modelo diz que meninas ao serem estimuladas desde cedo a realizarem atividades e brincadeiras envolvendo o cuidado, a cooperação e a sensibilidade desenvolvem a propensão e competência ao cuidado; e a socialização primária masculina estimularia a força, contenção emocional e exploração do mundo. Já o segundo modelo acredita na identificação com modelos femininos próximos, assim a menina imitaria práticas e valores afim de pertencer ao gênero feminino. Discute-se ainda se mães requerem a ajuda de meninas em atividades de cuidado por causa da identificação de gênero, e se isso faz com que a prática acabe por torna-las mais competentes que os meninos (CARVALHO et al., 2008; LYRA et al., 2005).

Todavia, Louro (1997) discorda que a análise dos papéis sociais, sozinha, seja o suficiente para entender os gêneros. Para ela os papéis são regras arbitrárias que definem comportamento, roupas e modos de se portar, mas não a identidade do indivíduo, por isso afirma que considerar apenas os papéis significa deixar de fora as diferentes formas que as masculinidades e feminilidades podem assumir e as complexas redes de poder que existem na sociedade. Dessa forma acredita que o gênero é mais do que apenas a execução de um papel, mas algo que constitui o indivíduo.

Ainda na esfera do desenvolvimento sociocultural, mas voltado aos mecanismos cerebrais, um estudo realizado por Schmitz (2010) discute o conceito de “*brain plasticity*”, ou seja, um cérebro capaz de se adaptar e se reestruturar. Segundo a autora o desenvolvimento cerebral é influenciado diretamente por experiências externas e que o próprio nível de maturação cerebral durante a vida aponta para isso. No momento do nascimento poucas regiões cerebrais estão completamente amadurecidas, sendo que grande parte preserva algum grau de plasticidade durante o desenvolvimento. Dentro desse contexto Schmitz afirma que as áreas envolvidas nos processamentos motivacionais, emocionais e cognitivos, possuem um amadurecimento lento, sendo especialmente adaptáveis durante a adolescência, mas também de forma atenuada ao longo da vida (SCHMITZ, 2010).

Por mais importantes que as teorias envolvendo o desenvolvimento sociocultural e os papéis sociais tenham sido durante a segunda onda do feminismo, justamente por rejeitar o

determinismo biológico e sua contribuição a situação marginalizada da mulher na sociedade, elas acabaram sujeitas as mesmas críticas destinadas aos seus opostos, o reducionismo simplista que creditava apenas um fator como responsável a algo tão complexo como os comportamentos sociais e sexuais dos gêneros (EL-HANI, 1996).

Embora muito utilizadas nos estudos de diferenças entre os gêneros e suas implicações, essas duas teorias também estão presentes em diversas áreas de estudo do desenvolvimento humano, não estando limitadas apenas às questões de gênero. E mesmo com toda a controvérsia presente entre as teorias, seus defensores concordam em algum nível sobre a interação existente entre elas, levando até mesmo a discussões de novas teorias interativas. Essas teorias interacionista apontam que assumir o comportamento como resultante seja apenas da cultura ou da biologia é perder vista a obviedade da integração desses dois fatores no que diz respeito ao comportamento humano. Dessa forma, admite-se que a carga genética, em algum grau, exerce sua influência no comportamento, mas sozinha ela pode não explicar nada, ao passo que considerar a cultura também como único fator modelador não deixa de ser uma visão determinista. Nesse sentido podemos admitir aqui o gênero como um produto e efeito das relações de poder presentes na sociedade, produzidos sobre os caracteres biológicos (EL-HANI et al., 1997; MAGALHÃES; RIBEIRO, 2009).

3.2 A ciência e o mal do homem

Vimos até agora a ciência tentando explicar as diferenças comportamentais dos gêneros, além de tentar justificar a situação marginalizada da mulher na sociedade. Veremos também adiante como essas explicações e situações podem se traduzir nas mais diversas áreas da sociedade, no caso do presente trabalho, no entretenimento infantil. Mas a pergunta que moverá essa nova discussão busca entender se essas produções científicas, conscientemente ou não, possuem uma parcela de culpa sobre cenário em que vivemos hoje.

A compreensão do significa ser mulher ou homem é uma busca antiga que tem acompanhado a grande maioria das civilizações, o que significa que a depreciação da figura feminina é tão antiga quanto. Integrante da matriz filosófica grega, Platão em seus diálogos afirmava ter chegado à uma conclusão sobre a origem da mulher e do homem. Para este pensador todas as mulheres são encarnações de homens que durante sua existência foram covardes ou praticaram o mal; além disso também dizia que os homens tinham seus órgãos genitais a culpar pela agressividade e autoridade, pois tinham, segundo ele, um apetite furioso, enquanto as mulheres possuíam um animal com desejo de procriar vivendo dentro delas, o

útero, que por passar muito tempo estéril se indigna causando incômodo e diversas doenças. Outro filósofo da Grécia Antiga, Hipócrates, contribuiu para a criação de uma “teoria” acerca da reprodução feminina, pautada na crença de que o útero era “um animal, dentro de um animal, que vagava por todo o corpo”, contribuindo para que desde este período tudo o que envolvesse a reprodução feminina possuísse um caráter negativo e justificasse a exclusão da mulher de espaços públicos (TEDESCHI, 2012).

Ainda no campo da filosofia, mas já com um caráter biológico, temos Aristóteles, considerado o pai da zoologia, com seu livro *Historia Animalium* que descrevia as diferenças sexuais e comportamentais entre machos e fêmeas de animais, incluindo os humanos. Mais uma vez com teorias centradas na reprodução feminina, Aristóteles afirmava que uma mulher que estivesse grávida de um menino teria uma gestação e parto mais fáceis, e o contrário aconteceria se fosse uma menina. Porém ele extrapolou suas afirmações para os comportamentos e dizia que as fêmeas de todas as espécies eram menos violentas que os machos, e que estes eram mais ardentes e ferozes, e embora fossem características de todos os animais isso se traduzia mais fortemente nos homens (ARISTÓTELES apud MENEZES, 1986). Ainda, se referindo diretamente às mulheres Aristóteles afirmava o seguinte:

Pelo que, as mulheres são mais compassivas, e mais prontamente feitas a chorar, mais ciumentas e lamurientas, mais amigas de injuriar e mais briguentas. A fêmea é também mais sujeita a depressão do espirito e desespero, do que o macho. Ela é também mais desavergonhada e falsa, mais facilmente enganada, e mais ciente, das injúrias, mais observante, mais preguiçosa e no todo, menos excitável do que o macho (...). (ARISTÓTELES).

Podemos observar aqui que desde este período da história humana postulava-se características naturais e inerentes ao gênero feminino; características essas capazes de justificar a dominação masculina sobre as mulheres. Por isso volto a questão inicial sobre as teorias científicas possuírem influência direta sobre a situação da mulher na sociedade, pois ao ler trechos como este me pergunto se este pensamento pode ter viajado através da história e em algum momento ter servido como inspiração para o pensamento determinista, por exemplo.

Aristóteles e outros teóricos também possuíam ideias sobre o funcionamento dos gametas sexuais, o óvulo e o espermatozoide. Para ele o sêmen masculino, como ele próprio chamava, possuía o princípio da movimentação e da geração, enquanto à mulher, cabia fornecer o material, que não era desprovido de vida, mas simplesmente inferior ao sêmen do homem. Uma parte de sua teoria foi comprovada em 1677 quando Antoine van Leeuwenhoek

observou espermatozoides em microscópios pela primeira vez e constatou que eles de fato se movimentavam, no entanto, demorou um pouco mais para que a participação do gameta feminino fosse compreendida; na verdade sua descoberta contribuiu para mitos envolvendo a concepção, pois levou a formulação da Teoria Espermista que acreditava que os espermatozoides já possuíam pequenos homens pré-formados, os homúnculos, e que as mulheres apenas ofereciam um ambiente para o desenvolvimento, mais uma vez não muito diferente do que Aristóteles postulava (ARISTÓTELES apud MENEZES, 1986; BARROS; CURCIO, 2012).

Ainda que com o advento da ciência moderna, e de disciplinas como a biologia do desenvolvimento, essas teorias sexistas tenham sido desbancadas, Martin (1996), citada por Citeli (2001), em sua análise de textos utilizados no ensino de medicina constatou que esses preconceitos se mantiveram na descrição da relação entre o espermatozoide e o óvulo. Ela ainda faz uma comparação com uma personagem que se tornará bem conhecida para nós, A Bela Adormecida; para autora a forma como o óvulo é descrito – passivo, sempre à espera do espermatozoide, que é sempre ativo, forte e veloz – se compara com a princesa dormente e passiva, que espera pelo beijo do príncipe para trazer-lhe de volta à vida. A autora ainda relata que mesmo como novas pesquisas que provavam, por exemplo, que a zona, superfície do óvulo, participa do processo de adesão, que a propulsão da calda do espermatozoide era mais fraca do que se pensava e ainda que este só adquiria a motilidade após a passagem pelo trato reprodutor feminino, as descrições continuaram a perpetuar preconceitos (GILBERT, 2003).

Mais adiante na história encontramos Darwin e sua teoria da evolução amplamente aceita e utilizada nos estudos da área de biologia, entre outras. No entanto, ainda que Darwin tenha tido uma contribuição ímpar aos estudos no campo biológico, ele também possuiu sua parcela de contribuição sobre a crença da inferioridade feminina. Em seu livro *A Origem do Homem e a Seleção Sexual* (1871), buscou explicar os mecanismos da seleção sexual, a qual ele acreditava ser necessário para explicar as diferenças entre mulheres e homens e entre as raças humanas. Dentre as discussões que trazia em seu livro Darwin afirmava que o normal é que o macho sempre procure a fêmea, e que estes têm “paixões” mais fortes que as fêmeas, e por paixão entende-se o ímpeto ao ato sexual. Por outro lado, também afirmava que a fêmea é quem era seletiva na escolha do parceiro sexual, e fazia essa escolha através dos caracteres secundários do macho, e que estas preferências foram transmitidas na cadeia evolutiva, mas que esse mecanismo não acontece necessariamente de maneira consciente (NICOLINI; WAIZBORT, 2013).

Ainda referente as diferenças entre mulheres e homens, Darwin afirmou que homens eram mais corajosos, mais propensos a liderança, a criatividade e que superavam as mulheres nas mais diversas atividades. Às mulheres ele conferiu características como intuição, imitação e capacidade de entender rapidamente, mas logo conclui que essas são características de seres inferiores, e, portanto, de civilizações baixas e ultrapassadas. Ele ainda conclui por duas vezes que os homens são superiores e possuem um intelecto maior:

Os homens são decididamente superiores às mulheres, o poder mental médio dos homens é superior àquele destas últimas.
Desta maneira o homem se tornou finalmente superior à mulher.
(Darwin, 1974, p. 649-650).

Darwin também afirma que há muita sorte no fato de que os mamíferos transmitem seus caracteres de maneira igual no momento da reprodução sexual, pois sendo de outra maneira o homem superaria o intelecto feminino, tanto quanto um pavão supera a plumagem de uma fêmea. Por fim, comprovando a preocupação da comunidade científica acerca das implicações sociais que os pensamentos deterministas podem trazer, ele discute que não seria efetivo que mulheres e homens recebessem o mesmo grau de escolaridade, porque a não ser que gerações passassem por um novo processo evolutivo, as mulheres jamais acompanhariam o nível intelectual dos homens (DARWIN, 1974).

Assim como a teoria da seleção natural, a seleção sexual foi levada adiante e discutida por muitos outros estudiosos. Buss & Schmitt (1993) diziam que as estratégias possíveis dentro da seleção sexual são de curto ou longo prazo, e diferem principalmente quanto ao investimento parental do macho. Os pesquisadores afirmam que a seletividade feminina já citada anteriormente por Darwin, se deve ao fato de que as mulheres, devem necessariamente, investir mais tempo e recursos na prole, e por investimento ele entendia não apenas a gestação e lactação, mas também o cuidado pós-natal. Sobre a estratégia de curto prazo, os pesquisadores afirmam ser mais vantajosas para os homens, pois eles podem garantir uma prole maior ao inseminar o maior número de mulheres possíveis, e evitar o despendimento de recursos no cuidado com a prole posteriormente. Os lados negativos dessa estratégia se volta para as mulheres, que têm que lidar com o prejuízo a sua reputação, e com a preocupação do abuso físico e sexual, que decorre da menor força do sexo feminino. Já a estratégia de longo prazo traz como principal vantagem aos homens “a capacidade de monopolizar a capacidade reprodutiva do curso da vida de uma mulher” (SMUTS, 1991 apud BARRIANE; LORDELO, 2005). Além disso, também possuem a vantagem de escolher parceiras de maior valor

reprodutivo e melhores atributos, enquanto as mulheres contam com a provisão de alimentos, proteção para a prole, status, poder, recursos, entre outros.

Estudos como esses, que tentavam explicar as relações sociais e comportamentos através dos estudos evolutivos sofreram muitas críticas, principalmente por estudiosas feministas que apontavam o teor misógino que eles possuíam. Embora fossem esforços científicos pautados na teoria evolutiva de Darwin, muitos dos conteúdos presentes nos relatos poderiam servir de justificativa para os moldes sociais entre mulheres e homens que continuam a acarretar na dominação masculina sobre as mulheres. Essa área de estudos ficou conhecida como Sociobiologia, que mais tarde serviu de apoio para a criação da Psicologia Evolutiva, e teve como precursor de suas ideias Edward Osborne Wilson – biólogo da Universidade de Harvard. E as críticas aos seus estudos e de outros sociobiologistas, não foram reservadas a estudos feministas, mas também outros estudiosos da área, que criticavam as ideias que promoviam explicações para a promiscuidade masculina, abuso sexual e agressividade (CITELI, 2001).

Um dos muitos problemas decorrentes dessa onda de estudos foi a atração que estes temas tinham sobre a mídia sensacionalista, que rapidamente passaram a divulgar notícias baseadas nos estudos da época. Nelkin (1995) e Citeli (2001), selecionaram algumas das manchetes que decorreram dessa onda:

Machismo tem bases biológicas e diz: "Eu tenho bons genes, deixe-me reproduzir" (*Time*);

Se pegarem você dando suas voltinhas, não diga que é culpa do diabo. É seu DNA (*Playboy*);

Estupro: geneticamente programado no comportamento masculino (*Science Digest*);

Os homens são geneticamente mais agressivos porque são mais indispensáveis (*Newsweek*).

Química cerebral estimula monogamia (*Folha de São Paulo*, 25 de fevereiro de 1998);

A monogamia entre animais (*Folha de São Paulo*, 27 de junho de 1999);

Gene favorece monogamia entre roedores (*O Estado de São Paulo*, 19 de agosto de 1999);

Gene pode explicar diferenças entre os sexos (*O Globo*, 1º de outubro de 1999);

Além de atraentes, homens altos produzem mais filhos (*Folha de São Paulo*, 13 de janeiro de 2000);

A violência nos genes (*Folha de São Paulo*, 12 de março de 2000).

(NELKIN apud CITELI, 2001; CITELI, 2001).

Nelkin (1995), que também é citada por Citeli (2001), continua a discutir sobre a contribuição que o meio jornalístico para a popularização de conteúdos científicos. Segundo a autora quando um jornalista escreve um artigo na área da política ou economia, ele realiza investigações, checando a veracidade de declarações e fatos que venha a publicar. No entanto, um jornalista científico se preocupa apenas em traduzir de forma acessível o conteúdo para um público leigo do assunto, o que pode levar tanto a publicação de conteúdos duvidosos, quanto a distorção do que se encontrava originalmente na pesquisa.

Fausto – Sterling (1944), na introdução de seu livro *Myths of Gender: Biological Theories About Women and Men* (Mitos de Gênero: Teorias Biológicas Sobre Mulheres e Homens), relata diversos casos em que a biologia foi utilizada para justificar preconceitos contra as mulheres. Ela relata que cientistas dos anos 90 acreditavam que a tentativa da mulher em conquistar independência econômica era uma luta contra natureza e que inúmeros autores utilizaram a teoria de Darwin para argumentar que conceder o voto as mulheres era um retrocesso evolutivo. Outro caso relatado é da física Dr. Katharina Dalton que ficou famosa ao investigar o tratamento do que ela própria chamava de síndrome pré-menstrual, e dizia que quando pacientes apareciam machucadas e alegando violência por parte do marido, na verdade o que teria ocorrido é que essas mulheres estavam sofrendo com as flutuações hormonais da menstruação e infringiam os machucados a si mesmas inconscientemente. Outro mito trazido pela autora, que foi ecoado por diversos anos, é o de que a mulher seria intelectualmente inferior devido ao menor tamanho de seu cérebro.

Relatos e pesquisas como essas me causam uma incredulidade sem tamanho sobre a capacidade humana em odiar e difamar tudo aquilo que é feminino, e juntamente com a incredulidade me vem a dúvida da origem desses sentimentos. Em busca da resposta para a segunda pergunta deste capítulo me deparei com a revisão do livro de David D. Gilmore, *Misogyny: The Male Malady* (2001) (Misoginia: O Mal Do Homem) feita por Kimberly Hart, da Universidade de Indiana, onde ela expõe o pensamento do antropologista que afirma que os homens possuem um medo quase universal das mulheres, e que isto se traduz em demonstrações de ódio por parte destes em todas as áreas da sociedade. Ainda segundo Gilmore, esse medo tem com origem ansiedades psicológicas e pouco tem a ver com uma tentativa de controlar as mulheres ou gerar condições de desigualdades sistêmicas. Em seguida o autor demonstra em diversos capítulos a repulsa que homens possuem sobre a menstruação, gravidez e sexualidade feminina, porém de acordo com Hart, quando ele tenta explicar a origem desse “dano psicológico” é quando ele torna seu próprio trabalho misógino.

Segundo Hart, ao tentar demonstrar que a origem da misoginia está do desenvolvimento do homem, Gilmore diz nas entrelinhas que a figura materna seria a origem do problema, tornando as mulheres vítimas inevitáveis do ódio masculino, mas também a causa do problema.

Quem também tenta entender a prevalência das sociedades patriarcais e constante marginalização da mulher é Harari (2016), em seu livro “*Sapiens – Uma breve história da humanidade*”, três hipóteses são levantadas. A primeira é em relação a maior força muscular dos homens, e, portanto, a capacidade destes em subjugar as mulheres. Porém o autor logo conclui que este não pode ser um motivo válido, uma vez que, não existe na história humana qualquer evidência de que a força física resulte em poder social, e que são as capacidades mentais e sociais que conferiram ao *Homo sapiens* um lugar no topo da cadeia alimentar. A segunda hipótese se refere à maior agressividade masculina, porém o autor discute que se de fato os homens são mais agressivos e violentos e as mulheres mais manipuladoras e apaziguadoras, então elas deveriam ter assumido os verdadeiros cargos de poder e liderança, enquanto os homens ocupariam as fileiras de soldados nos exércitos, por isso o autor conclui que a agressividade pouco tem a explicar sobre as conformações sociais. Por fim a última hipótese levantada faz referência a seleção sexual e a psicologia evolutiva, na qual sobre pressões evolutivas distintas homens transmitiram genes que levavam a ambição, agressividade e competição, enquanto mulheres transmitiam genes que levavam ao cuidado e a submissão. Dessa forma o autor irá argumentar que esta lógica é problemática ao assumir que as mulheres, ao necessitarem de apoio externo na criação na prole, recorreram aos homens e não a outras mulheres. Ele ainda irá dizer que no reino animal dinâmicas sociais que contam com fêmeas dependentes e machos competitivos, resultam na verdade em sociedades matriarcais, como é o caso dos elefantes.

Embora tenha passado longe de encontrar a resposta para minha segunda pergunta, acredito que depois dessas leituras já posso discutir sobre a contribuição da ciência, e mais especificamente da biologia, para a perpetuação do machismo ao longo da história. Ao pesquisar as teorias de Aristóteles, Darwin, Wilson e de tantos outros, acho difícil evitar um sentimento de déjà-vu, e a percepção de que muitas vezes o pensamento de um deles pode ser ecoado na fala do outro. É claro que suas teorias foram produzidas em períodos históricos distintos, e sob a luz de novas teorias e descobertas científicas, porém a insistência em postular, direta ou indiretamente, a inferioridade feminina se mantém constante no trabalho de todos. Também após ler e discutir a influência da cultura e sociedade sobre o

desenvolvimento de um indivíduo, não posso ignorar que os indivíduos por trás desses pensamentos também são um resultado de seu próprio tempo e, portanto, propagam os preconceitos presentes na sociedade em suas pesquisas. Mas isso também não os eximem de sua responsabilidade na divulgação e validação da situação marginalizada da mulher na sociedade. Então ainda me pergunto como podemos desenhar uma linha e determinar até que ponto a sociedade machista influenciou as produções científicas, ou até que ponto as produções científicas propiciaram o desenvolvimento dos valores machistas. Mais uma pergunta sem respostas.

4 PRINCESAS DA DISNEY E A QUESTÃO DE GÊNERO

4.1 Era uma vez...

4.1.1 A Bela Adormecida (A)

A animação mostra a história de Aurora, uma princesa que ao nascer trouxe grande alegria para o Rei e a Rainha, assim como a todos no reino. A alegria foi tanta que planejaram uma grande festa em seu batizado e convidaram a todos, com exceção de Malévola, uma bruxa maligna que como vingança por ter sido deixada de fora amaldiçoou Aurora para que quando ela completasse dezesseis anos furasse o dedo no fuso de uma roca e morresse. Porém uma das três boas fadas conseguiu tornar a maldição mais branda, dessa forma a princesa não morreria, mas dormiria até que recebesse um beijo de amor de verdadeiro.

Ainda com a intenção de evitar a maldição, as três boas fadas decidiram criar Aurora escondida em um chalé e disfarçada como uma camponesa, longe de qualquer magia. Anos depois, no dia do seu aniversário de dezesseis anos, a princesa conhece e se apaixona pelo Príncipe Felipe, sem saber que já estava prometida de casamento para ele. Quando conta para as fadas sobre sua paixão, elas revelam sua verdadeira identidade e que ela deve voltar ao castelo e se casar com o príncipe, sem saber que se trata do mesmo rapaz que conheceu, ela fica desolada.

De volta ao castelo, ninguém suspeitava que Malévola já havia descoberto o paradeiro de Aurora, que ao ser enganada espeta seu dedo no fuso da roca e cai em um sono profundo. Com a princesa adormecida, as três boas fadas colocam o resto do reino para dormir e ajudam Felipe a derrotar Malévola. Por fim ele acorda Aurora com um beijo de amor verdadeiro e ela pode se reencontrar com sua família.

4.1.2 Mulan (B)

Quando a China é invadida pelos hunos, um homem de cada família deve se alistar ao exército para proteger a todos. Fa Mulan, uma jovem que encontrava problemas ao se enquadrar à sua cultura e encontrar alguém com quem se casar, se preocupa com o destino de seu pai, que já estava idoso e debilitado por ter lutado em guerras anteriores. Quando não vê outra saída, Mulan decide se disfarçar como um homem e tomar o lugar de seu pai no exército.

Mulan se junta ao exército liderado por Li Shang, e ele logo percebe que nenhum dos soldados estão preparados para a batalha, mas decide que irá treiná-los. E quando os soldados do exército de Shang são a última linha de defesa da China, eles partem para enfrentar os

hunos, e graças a inteligência e força de Mulan grande parte dos inimigos são derrotados. Após se machucar tentando salvar seus companheiros, ela tem sua identidade revelada a todos e perde a credibilidade e admiração que tinha conquistado como homem.

Acreditando que todos os hunos haviam sido derrotados, o restante do exército parte para a cidade imperial para informar e comemorar sua vitória. Mulan, sabendo que o líder dos hunos havia sobrevivido também parte em direção a cidade para avisar a todos, mas ninguém a leva a sério por ser mulher. Quando se dão conta do perigo, Shang e o restante dos soldados decidem confiar nela novamente, e ela com a ajuda de todos, finalmente consegue acabar com a ameaça à China. Diante de tudo o Imperador reconhece Mulan como a heroína da China e ela retorna para com os símbolos de sua vitória e levando honra para sua família.

4.1.3 Moana (C)

Quando Te Fit, uma deusa da mitologia polinésia tem seu coração roubado pelo semideus Maui, sua morte começa a espalhar uma terrível escuridão por todas as ilhas, então o oceano escolhe Moana, a filha do Chefe Tui para um dia restaurar o coração. Moana cresce determinada e corajosa, sempre atraída pelo oceano, mas seu pai preocupado com os perigos e esperando que ela seja a próxima líder da ilha desaprova seu desejo e proíbe que ela passe dos recifes.

Quando a ilha de Moana começa a morrer e o povo não consegue mais encontrar alimento, sua avó a revela que os seus ancestrais eram viajantes que sempre buscavam novas ilhas e aventuras, e que ela deveria encontrar Maui para restaurar o coração de Te Fit, então ela decide partir mesmo com a desaprovação de seu pai. Quando finalmente encontra o semideus, Moana percebe que ele não está disposto a realizar a missão com ela, mas com a ajuda do oceano ela o convence a enfrentar Te Kar, o demônio que guardava a ilha de Te Fit e queria o coração para si.

Depois de encontrar diversos perigos para reconquistar o anzol que dava poder a Maui e chegar até a ilha, os dois tentam enfrentar Te Kar sem sucesso, e quando o semideus é atingido gravemente, se assusta e decide desistir da missão. Moana, desmotivada pela ausência de Maui, também decide desistir, mas quando o espírito de sua avó e de seus ancestrais aparecem para motivá-la, ela enfrenta Te Kar novamente. Nesse momento Moana percebe que Te Kar, na realidade era Te Fit que ansiava ter seu coração novamente. Assim a deusa com seu coração restaurado presenteia Maui, que havia retornado para ajudar, e Moana, que retorna para seu povo e os guia para aventuras no oceano como sua nova líder.

4.2 Vida longa as princesas

Longo, popular e lucrativo tem sido o reinado das princesas da Disney, reinado este que iniciou oficialmente nos anos 2000, mas que há muito tempo já vinha sendo propagado mundo a fora. Apesar da primeira animação trazendo uma princesa como personagem principal, A Branca de Neve e os Sete Anões, ter sido lançada em 1937, apenas 63 anos mais tarde, Andy Mooney criou a marca Disney Princess ao se deparar com uma imensa quantidade de meninas vestidas com roupas e acessórios não oficiais das personagens (DISNEY CONSUMES PRODUCTS, 2007).

Porém mais do que mero entretenimento as princesas passaram a representar ideais de comportamento e aparência, produzindo e perpetuando comportamentos sociais (MONTEIRO; ZANELLO, 2014). E o motivo desse grande apelo e poder de influência que essas personagens possuem no desenvolvimento infantil é, segundo Cechin (2014), a principal mensagem vendida nas animações, a felicidade. Dessa forma o pensamento incutido nos espectadores é de que se forem como essas personagens também encontrarão a felicidade. Porém as histórias não oferecem um final feliz sem condições, em todas as animações analisadas a bondade, a virtude e tudo o que é considerado correto perante a sociedade devem estar presentes na narrativa do herói (CECHIN, 2014).

É possível perceber esse aspecto de maneira muito clara nas animações, sobretudo na Animação A. Logo no início do longa, quando Primavera, Fauna e Flora são apresentadas no batizado são chamadas de três boas fadas, ao em vez de apenas fadas. A própria princesa Aurora, ainda bebê, é caracterizada como doce, bondosa, gentil e graciosa, sendo que estes aspectos de sua personalidade são enfatizados diversas vezes no decorrer da animação. Até mesmo os instrumentos utilizados para derrotar Malévola, que representa o oposto de toda a bondade, recebem adjetivos como escudo da virtude e espada da verdade. As animações B e C também não ficam para trás, e apresentam duas personagens principais dispostas a fazer o que for necessário para salvar as pessoas a sua volta. Mulan, consciente de que seria punida com a morte, se infiltra no exército para salvar seu pai, e mais adiante também se arrisca para derrotar os inimigos e salvar Shang. Moana desde a infância é caracterizada como alguém especial, a escolhida do oceano, e também se arrisca para salvar sua ilha. Ambas são consideradas heroínas e tem sua coragem exaltada, e ambas alcançam seu final feliz.

Embora sejam bem evidentes, os padrões de comportamento não são os únicos enaltecidos e almejados, e os padrões de beleza também possuem um grande papel nas

animações e no imaginário do público. Mais uma vez podemos ver isso de forma mais clara na animação A, quando em seu nascimento umas das fadas presenteia Aurora com o dom da beleza, e a imagem que é mostrada em seguida é de uma jovem branca, magra, de cabelos loiros e olhos claros, e assim como sua bondade, sua beleza é sempre exaltada. Ainda que as princesas das Animações B e C pertençam a diferentes etnias e apresentem traços distintos, ainda representam certos padrões de beleza, como um corpo magro ou a cor da pele branca. Wohlwend (2008) também considerada em seu artigo que as animações da Disney conversam com o seu público divulgando valores e comportamentos, como a cultura ocidental, a heterossexualidade e o amor romântico. E Bordieu (1999) acredita que a obsessão das mulheres para seguir um determinado padrão de beleza também configura uma das faces da dominação masculina.

4.3 Por trás das câmeras

Uma animação é muito mais do que o resultado final que vemos em tela. Envolve meses e as vezes anos de produção, ao longo desses processos muitos são os indivíduos que influenciam o resultado final. Esses indivíduos muitas vezes trazem para as produções suas visões de como representar uma personagem; e essas representações podem possuir equívocos, carregados de preconceitos e estereótipos, por isso a importância de que exista uma representatividade nos bastidores. Dessa forma esta seção visa quantificar e discutir a influência do número de mulheres por trás do desenvolvimento das animações, e se este fator influenciou na representação das personagens femininas.

Para esta análise algumas funções técnicas foram selecionadas, por serem as que apresentariam a maior influência na construção da animação e das personagens. Essas funções são: direção, roteiro, produção, direção de arte e direção de animação.

Tabela 1 - A representatividade feminina definida em porcentagem de acordo com cada categoria técnica do longa animado “A Bela Adormecida”.

Categoria técnica	Equipe (nº total)	Mulheres (nº total)	Representatividade (%)
Diretores	1	0	0
Produtores	1	0	0
Roteiristas	8	0	0
Direção de arte	2	0	0
Direção de animação	111	23	20,9

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Internet Movie Database – IMDB, 2018.

Tabela 2 - A representatividade feminina definida em porcentagem de acordo com cada categoria técnica do longa animado “Mulan”.

Categoria técnica	Equipe (nº total)	Mulheres (nº total)	Representatividade (%)
Diretores	2	0	0
Produtores	3	2	66,6
Roteiristas	31	5	16,1
Direção de arte	69	37	53,6
Direção de animação	387	105	26,4

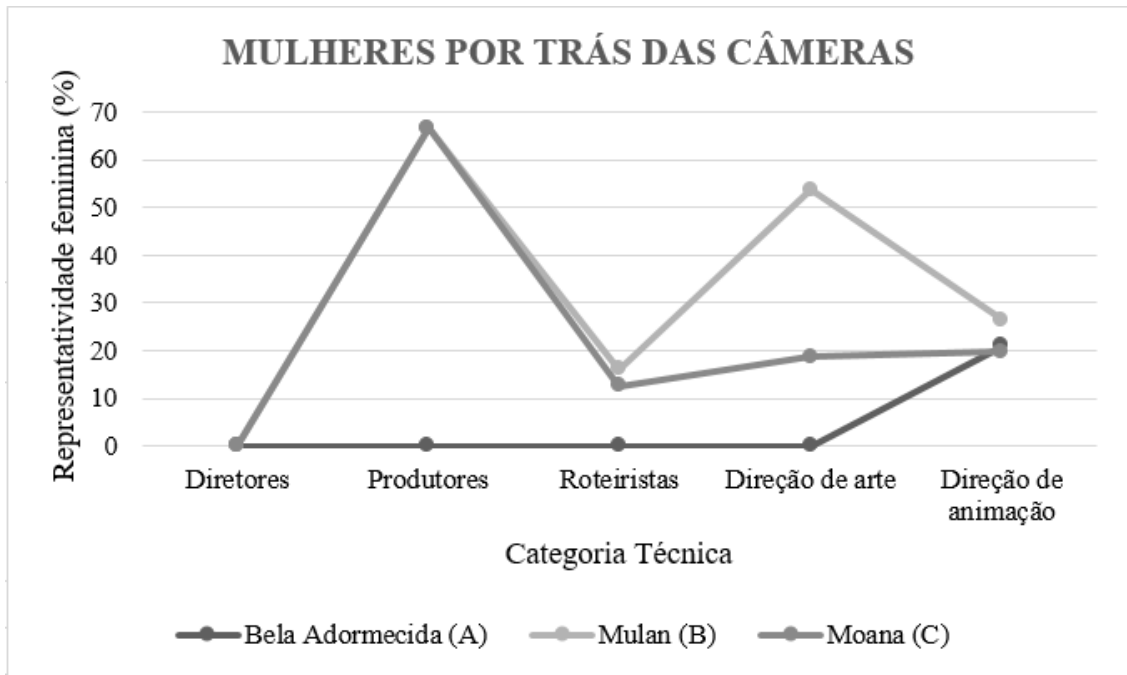
Fonte: Elaborado pela autora, com base em Internet Movie Database – IMDB, 2018.

Tabela 3 - A representatividade feminina definida em porcentagem de acordo com cada categoria técnica do longa animado “Moana”.

Categoria técnica	Equipe (nº total)	Mulheres (nº total)	Representatividade (%)
Diretores	4	0	0
Produtores	3	2	66,6
Roteiristas	8	1	12,5
Direção de arte	32	6	18,7
Direção de animação	162	32	19,7

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Internet Movie Database – IMDB, 2018.

Figura 1 – A representatividade feminina por trás das câmeras.



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Internet Movie Database – IMDB, 2018.

Quando olhamos para os dados da primeira animação analisada, Animação A, fica claro a ausência de mulheres nas categorias mais influentes, e uma explicação para isso pode ser o próprio contexto histórico da época. A animação foi lançada no ano de 1959, momento em que as insinuações do movimento conhecido como a segunda onda do feminismo já existiam, porém, a mulher ainda era confinada às posições de mãe e dona de casa, e pouco presentes no mercado de trabalho (RAMPTON, 2008).

Já os dados da Animação B, mostram uma parcela maior de mulheres presentes na animação, inclusive em posições de maior destaque, como produção e roteiro. Esta animação foi produzida em 1998, quase quatro décadas depois que a Animação A, e muitos avanços na luta pela igualdade de gênero haviam sido feitos, inclusive no que se refere à presença da mulher no mercado de trabalho, que ainda na década de 80, chegava a 50% (KARNAL, 2007).

Apesar do óbvio aumento de representatividade, Pam Coats, uma das duas produtoras da animação, relatou em uma entrevista a dificuldade de estar em uma sala cheia de homens discutindo como mulheres se vestem, pensam e a forma de seus corpos. E é pela presença de Coats na produção, que a cena onde os soldados descobrem que Mulan é uma mulher, acontece de maneira privada, fora das telas, ao ser examinada pelo médico. Segundo a produtora, existia uma versão anterior, idealizada por um homem, na qual um dos soldados

rasgava as vestes de Mulan e revelava seu corpo nu em frente a todos. Caroline Hu, uma das mulheres que compunham o departamento de direção de arte, também revelou a dificuldade em projetar uma personagem que deveria ser feminina, ao mesmo tempo em que deveria usar uma armadura masculina. Neste caso a fala da própria Caroline vem carregada com alguns estereótipos, pois ela relata a contrariedade de manter uma personagem feminina enquanto realiza ações “másculas”, como se lutar ou estar em um exército fosse fossem ações exclusivamente masculinas (LANGE, 2017).

Estando o século XXI repleto de conquistas alcançadas pelas mulheres, como na ocupação de cargos antes inacessíveis e nas convenções sociais sobre o casamento e a sexualidade, talvez fosse esperado que a Animação C, lançada em 2016, tivesse a maior representatividade entre as três animações analisadas. No entanto, em todos os setores observados a porcentagem de mulheres é igual ou maior na animação B. O fato da Animação B tratar diretamente de obstáculos relacionados ao gênero, pode ter feito com que o estúdio se preocupasse mais com a representatividade, ou apenas o simples fato do número total da equipe ser maior, seja responsável pela porcentagem superior de mulheres (BBC, 2016; CHESLER & HUGHES, 2004).

Se não por seus números a Animação C se destaca dentre as animações anteriores por não incluir nem sequer uma insinuação de um relacionamento amoroso., segundo Osnat Shurer, produtora da animação, nunca houve durante as etapas de desenvolvimento do filme a possibilidade de inserir um enredo que envolvesse romance, pois não havia espaço para isso. Já quanto aos obstáculos relacionados ao gênero, Shurer afirma que eles existiram em uma versão anterior do roteiro, mas em seguida foi decidido que não era essa a história que queriam contar. Amy Lawson Smeed, integrante da direção de animação, também relata como influenciou a criação da personagem ao orientar os animadores a fazer com que a corrida de Moana fosse mais atlética e confiante (HINDS, 2016; LANGE, 2017).

Não se pode negar que avanços foram feitos, tanto dentro das telas, na representação das personagens femininas, quanto fora das telas com as conquistas da luta pela igualdade de gêneros e na ocupação do mercado de trabalho. Com tudo também é clara a ausência de mulheres no cargo direção, um dos mais influentes no desenvolvimento de um filme.

4.4 Espelho, espelho meu: as princesas como reflexo da sociedade e ciência

Baseado nas visões que as teorias discutidas neste trabalho, corroboram ou combatem, sobre o papel da mulher na sociedade foram criadas categorias para as personagens principais

e a para as outras mulheres presentes nas animações. Com base na categorização dessas animações foram levantadas discussões sobre as questões de gênero e como as animações remetem às teorias sobre as diferenças comportamentais dos gêneros.

Quadro 1 – Categorias referentes às personagens principais das animações.

Categorias	Animações
Interesse amoroso	A e B
Posição de poder/liderança	B e C
Salva por um homem	A

Fonte: Elaborado pela autora.

Não demora muito para que fique claro que Aurora, a protagonista da Animação A, terá um interesse amoroso, ainda no momento de seu batizado ela já possui um noivo, designado a ela por terceiros. E mesmo quando atinge sua adolescência Aurora busca por alguém quando canta “onde irei encontrar alguém que me queira? ”. Inclusive esta cena na floresta é a que possui maior protagonismo por parte da princesa, e é inteiramente pautada na espera e busca pelo amor. É possível notar também nessa categoria a importância e significado que a cena do batizado de Aurora possui, pois neste momento vemos três aspectos de sua vida serem determinados, suas características físicas e comportamentais, seu noivado e seu destino de furar o dedo em uma roca. Ela não possui nenhum poder sobre esses fatores, o que nos permite fazer um paralelo com o determinismo biológico, pois tudo já foi determinado em seu nascimento, e nenhum aspecto do seu desenvolvimento e vivência influenciou no resultado final. Nem mesmo o fato dela ter assumido outra identidade e vivido como uma camponesa isolada em uma cabana, impediu que ao final ela encontrasse o destino selado em seu nascimento.

Já na Animação B, embora Mulan tenha sido criada sob a expectativa de encontrar um par romântico, percebemos logo no início que essa não é sua prioridade. Ela escreve em seu braço, aquilo que de acordo com o determinismo biológico está escrito no DNA de todas as mulheres, que ela dever ser calma, reservada, graciosa, delicada, silenciosa, pontual e obediente, mas logo vemos isso ser apagado enquanto ela se prepara para encontrar a casamenteira e prova não carregar em si essas características. Fica claro na animação que na sociedade em que Mulan está inserida, o sucesso para uma mulher, ou como eles dizem, a maneira de uma mulher levar honra para sua família, é através do casamento. E sob o olhar das teorias do determinismo e do desenvolvimento sociocultural, quando Mulan falha nesse aspecto, é que percebo a ambiguidade presente na animação.

Mulan não é aquilo que foi criada para ser, logo não corrobora com a teoria do DS, que considera a cultura e a influência da sociedade como os principais definidores dos comportamentos masculinos e femininos, porém, a dualidade está no fato de que o que ela foi criada para ser, é também aquilo que o DB postula como inerente ao sexo feminino, dessa forma a animação também não corrobora com essa teoria. E é também diante de sua falha perante a casamenteira, que a protagonista percebe que não representa a feminilidade expressa e imposta em sua sociedade e passa a enfrentar uma crise de sua identidade como mulher. Assim, Oliveira e Tavares (2017) consideram que Mulan não se infiltrou no exército apenas para salvar seu pai, mas também para descobrir outras formas de vivenciar a feminilidade, e encontrar uma na qual se reconhecesse. Portanto ainda que Mulan possua um interesse amoroso, diferente de Aurora, não é isso o que ela espera encontrar em sua jornada, a sua busca é por si mesma.

A Animação C, por sua vez, representa um ponto fora da curva não apenas dentre as animações analisadas neste trabalho, mas também dentre todas as princesas representadas pela Disney até o momento. Embora Moana não seja a primeira princesa a não ter um interesse amoroso, antes dela tivemos Elsa (Frozen, 2013) e Valente (Valente, 2012), sua animação é a primeira a não fazer nenhuma menção nesse aspecto, ao em vez disso, ela desenvolve um relacionamento de amizade e parceria com o seu co-protagonista. Este personagem, Maui, também estabelece uma mudança importante em relação aos dois personagens masculinos principais da Animação A e B, pois apesar de ainda apresentar características físicas estereotipadas, em diversos momentos ele demonstra ser vulnerável e sentir medo.

Na segunda categoria analisada a protagonista da Animação C também é quem mais se destaca, nascida em uma posição de poder, Moana é filha do chefe de sua ilha e desde de muito nova é estimulada a assumir esse papel. No entanto observamos logo no início da animação que essa será uma das crises enfrentadas pela protagonista, pois além de sua preparação para assumir a liderança também vemos muito cedo ela sendo atraída para o oceano e ser escolhida por ele para a sua missão. Porém, embora Moana possua um grande desejo de explorar o mar, seu pai desaprova e mostra para ela qual deve ser o seu lugar e seus deveres como chefe da ilha, e a percepção que tenho nesse momento é que Moana não apenas se conforma com sua posição, mas se sente confortável e demonstra ser boa nela, o que não significa que ela tenha abandonado seus desejos. E isso é comprovado rapidamente quando sua avó lhe mostra o passado de seus ancestrais, que eram viajantes, e ela entende porque sempre possuiu essa ânsia e parte sozinha em um dos barcos.

É diante dessa situação que nos deparamos com um novo impasse quanto as teorias do DB e DS, Mulan não corrobora com uma ou outra, enquanto Moana parece se encaixar nas duas, pois embora ela esteja longe de possuir as características ditas femininas pelo determinismo biológico, sua natureza determinista se revela em sua afinidade com o oceano, a qual ela reconhece ter herdado de seus ancestrais. Mas ela também é a líder que foi criada para ser, demonstrando a influência de sua sociedade e cultura, e o símbolo maior dessa dualidade é quando Moana se torna líder da ilha e ao cumprir a tradição de acrescentar sua pedra à pilha, ela na verdade adiciona uma concha e guia seu povo em direção ao oceano, abraçando suas duas origens. Dessa forma é possível dizer que a Animação C respalda o pensamento de estudiosos como El-Hani (1997), que consideram a interação dessas duas teorias na explicação dos comportamentos e papéis de cada gênero na sociedade atual.

Ainda comparando as Animações B e C, podemos dizer que Mulan também se encontra em uma posição de poder, primeiro como homem enquanto soldado do exército e finalmente como mulher quando o Imperador a reconhece como heroína e oferece a ela uma vaga como conselheira. No entanto a diferença para mim se encontra no fato de que ela tem sua posição contestada a todo momento por causa do seu gênero, enquanto a posição de Moana não é apenas naturalizada, mas também estimulada. Já a Animação A se distancia bastante nesse aspecto, e ainda que Aurora tenha nascido na realeza, isso não se traduz em nenhum momento em situações de poder e liderança.

A última categoria relacionada as protagonistas das animações é referente a presença ou ausência do salvamento destas por personagens masculinos, e a Animação A segue a tendência de grande parte das princesas que antecederam Mulan, que estabeleceu um ponto de mudança, mostrando uma protagonista que representa muito bem o estereotipo da donzela em perigo. Aurora passa grande parte da animação dormindo por conta de sua maldição, e só é libertada porque o príncipe Felipe, que possui mais falas e tempo de tela, lhe dá um beijo de amor verdadeiro. Já as animações B e C possuem momentos onde Mulan e Moana trabalham em parceria com personagens masculinos, e até mesmo os salvando, mas nunca esperando passivamente pelo salvamento.

Quadro 2- Categorias referentes as demais mulheres das animações

Categorias	Animações
Mulheres realizando tarefas domésticas	A, B e C
Mulheres no papel de mãe	A, B e C
Crítica e violência contra o gênero feminino	B

Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda que na primeira cena da Animação A em que Aurora, adulta, aparece ela esteja limpando as janelas do chalé e carregando uma vassoura, Bilotta (2010) acredita que esta princesa começa a representar o afastamento da mulher das tarefas domésticas, principalmente no que se refere a suas antecessoras Branca de Neve (Branca de Neve e os Sete Anões, 1937) e Cinderela (Cinderela, 1950). E de fato a representação da protagonista em papéis domésticos é limitada a esta única cena, no entanto neste momento voltaremos nosso olhar também para as outras mulheres presentes nas animações.

No momento em que as três boas fadas, Fauna, Flora e Primeira decidem que irão criar Aurora como uma plebeia longe do alcance de Malévola, elas assumem a necessidade de abandonar o uso da magia, o que elas demonstram ser algo penoso. Ainda assim, elas foram capazes de se manterem afastadas da magia por 16 anos, porém mesmo estando próximas de cumprir seu objetivo de impedir que Aurora espetasse seu dedo em um fuso no décimo sexto aniversário, elas decidem quebrar suas próprias regras para realizar três tarefas: limpar, costurar e cozinhar, o que leva a princesa a ser descoberta. Para Bilotta (2010) e Gomes (2000), o fato das fadas conseguirem realizar essas atividades apenas com o uso de magia, é uma analogia a introdução dos eletrodomésticos nas residências norte americanas, e também representaria um certo afastamento das tarefas domésticas, pois diminuiria o tempo utilizado para este tipo de atividade. Todavia apesar dessa visão otimista, enxergo esse momento da Animação A de maneira extremamente negativa, pois quando a mulher já esteve e continua sendo restrita as atividades domésticas, acredito ser preocupante que essas personagens arisquem seus sacrifícios realizados anteriormente apenas para realizar esses serviços.

Embora a realização de tarefas domésticas não ocorra de maneira tão evidente na Animação B, a mensagem de que isso é o que se espera de uma mulher está presente. Apesar de Mulan fazer com que seu cachorro realize suas tarefas, fica estabelecido neste momento que elas existem. Em outro momento, quando ela está com os outros soldados do exército, cada um canta sobre o que espera de uma esposa e um deles diz não se importar com a beleza ou com a vestimenta da mulher, desde que ela saiba cozinhar com destreza, enquanto o outro espera por alguém que cuide de suas feridas. Mas o momento em que esta expectativa fica

mais evidente é durante o encontro de Mulan com a casamenteira, no qual é pedido que ela sirva o chá e que além disso seja digna, refinada, equilibrada e silenciosa para que possa agradar aos futuros sogros. As palavras da casamenteira representam o peso exercido sobre uma mulher para que ela sirva e cuide de todos, e que façam tudo isso agindo da maneira que a sociedade espera e deseja.

Por fim a animação C se distancia novamente das outras analisadas, não porque não possui mulheres realizando tarefas domésticas, mas porque também apresenta homens realizando as mesmas atividades. Na canção de abertura da animação o pai de Moana mostra a ela qual é o seu lugar e os papéis que cada um dos moradores possuem na ilha; nesse momento vemos muitas tarefas sendo realizadas, e se em um primeiro momento parece ficar claro uma divisão de trabalhos, como a pesca sendo realizada por homens e cestas sendo trançadas por mulheres, em seguida os papéis parecem se misturar e vemos personagens femininos e masculinos mesclados na maioria das atividades. Por esse motivo me parece difícil inferir se existe uma separação clara de trabalho entre os gêneros na vila.

Mais uma vez a três animações analisadas se encaixam na próxima categoria a ser discutida, as mulheres em papéis de mãe. A rapidez para enquadrá-las na categoria provém do simples fato de que as três princesas contam a presença de suas mães, e é possível notar uma evolução na representação dessas mulheres ao longo das animações. Um fato curioso é que a Rainha Leah e Sina, mães de Aurora e Moana respectivamente, não tem seus nomes pronunciados durante a animação; no entanto, enquanto a Rainha possui apenas duas sentenças durante toda a animação, Sina possui um protagonismo maior, aconselhando e ajudando Moana em sua fuga. O mesmo serve para Fa li, que também é importante para o desenvolvimento da história, além de ter seu nome pronunciado.

É importante destacar também que as avós de Mulan e Moana também participam do cuidado das netas, e é cabível dizer que para Moana, o papel de Tala no seu desenvolvimento é ainda mais importante que o de sua mãe. Além disso na Animação C, a entidade mais poderosa é feminina, e é quem possui a capacidade de gerar vida. Por fim em algum momento de suas histórias as três protagonistas são colocadas sobre a expectativa de serem mães; Aurora quando seu pai discute o futuro dos netos com o pai de Felipe, Mulan quando a casamenteira a analisa chegando à conclusão que ela não tem o corpo adequado para isso e Moana quando Maui questiona se ela não deveria estar na ilha cuidando de bebês.

Por fim a última categoria se refere à violência e crítica direta ao gênero feminino, e apenas a Animação B se enquadra, o que seria esperado considerando que a animação é baseada nos obstáculos de gênero e reflete muitas das lutas da época em que foi produzido.

Não que as Animações A e C não possuam mulheres sofrendo ações de violência e crítica, mas a diferença está na motivação por trás dessas ações, que nestes casos está pautada nos contextos das respectivas histórias; enquanto na Animação B, as ações são motivadas pela aversão ao gênero da protagonista. Para exemplificar essas situações temos o aviso de Mushu para Mulan, que diz que ela pode ser morta se o exército descobrir que ela é uma mulher; ou quando sua identidade é descoberta e o conselheiro a empurra na neve e a chama de víbora traiçoeira, desmerecendo-a de todo o prestígio que tinha conquistado como homem; e quando Mushu esclarece que ninguém a escuta mais por ela ter se tornado mulher novamente. No entanto não encaro esses momentos como necessariamente negativos, pois em todos eles Mulan se superou e provou que todos estavam errados, estimulando uma visão ativa e positiva da mulher.

Como pudemos observar houve uma evolução positiva da representação feminina em tela, e podemos atribuir esse fato ao contexto histórico do momento da produção de cada uma das animações. E a influência das mudanças históricas advindas da segunda onda do feminismo foi tão amplamente sentida que poucos aspectos da sociedade não foram atingidos; permitindo que façamos um paralelo direto entre as animações e o rumo das pesquisas e teorias que tentavam explicar as diferenças de gênero. Dessa forma ambas abandonaram ou estão abandonando gradativamente grande parte dos preconceitos e valores machistas que carregavam. Assim hoje podemos dizer que o consenso científico defende a interação de todas as teorias, uma vez que, devido à complexidade do comportamento humano um só fato não seria capaz de englobar todas as explicações necessárias. A exemplo disso temos as teorias evolutivas, que por si só reconhecem que as pressões evolutivas agiram sobre uma organização social de um dado momento, mostrando também a participação do desenvolvimento sociocultural; e ainda que os fatores biológicos devam ser levados em consideração, a constante necessidade de inferiorizar aquilo que é feminino deve continuar sendo contestada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como um de seus principais focos as possíveis construções das feminilidades, a condição da mulher na sociedade e as representações dos papéis femininos em animações infantis. No entanto reconheço a necessidade de que mais estudos sejam realizados, pois cada dia se torna mais evidente a necessidade de estudar também as construções das masculinidades. Além disso, também se discuti hoje como o gênero é algo complexo e que recebe influência direta de questões que envolvem sexualidade, etnia e classe social.

Outro foco do estudo foi sobre a responsabilidade da ciência, em específico da biologia, na propagação e perpetuação da crença da inferioridade feminina, e de fato foram encontradas evidências de que, mesmo estudiosos respeitados e que promoveram grandes descobertas científicas, possuem alguma influência e responsabilidade neste aspecto. E a partir desse reconhecimento, me dou conta da resposta de uma pergunta feita a mim muitas vezes durante minha formação, sobre a responsabilidade de um biólogo (a), e de agora em diante posso adicionar a minha a resposta a necessidade de garantir que esses pensamentos preconceituosos e misóginos não sejam propagados sobre a desculpa da ciência.

Já no que se refere as animações analisadas podemos fazer uma ligação direta entre as animações B e C. As duas protagonistas, Mulan e Moana, enfrentam crises sobre o lugar que a sociedade em que vivem espera que elas ocupem, e o lugar em que elas realmente desejam ocupar. Porém a diferença mais clara é que os obstáculos enfrentados por Mulan tem origem diretamente dos preconceitos e limitações exercidos sobre o gênero feminino; mas o lado positivo é que durante toda a animação, à medida que os obstáculos são colocados, eles também são superados, evitando a visão passiva da mulher e incentivando mudanças nos paradigmas do patriarcado. Também vemos que a animação A é a que mais se distancia dentre as três, e onde a representação do papel feminino é a mais limitada, mas podemos considerar essa limitação como resultado do momento histórico, que ainda não tinha passado pelas grandes mudanças desencadeadas pela segunda onda do feminismo.

Por fim, quanto a discussão acerca da origem das diferenças dos gêneros, sejam elas biológicas, evolutivas ou sociais, acredito que a resposta que mais atende a complexidade que o tema envolve, seja sobre a interação de todos esses fatores. No entanto apesar de reconhecer a influência que os fatores biológicos possuem sobre esses comportamentos, acredito ser importante destacar o prejuízo que o determinismo biológico trouxe para a condição da mulher na sociedade. Porém, felizmente, da década de 70 até a atualidade a predominância

dos estudos tem vindo de encontro justamente para rebater este pensamento determinista. Assim fico contente em constatar que essas lutas têm se traduzido também em outros aspectos da sociedade, como o entretenimento infantil, e que embora exista muito a ser melhorado no que se refere a representatividade de outras minorias, hoje, meninas e meninos podem crescer observando princesas que são também guerreiras e corajosas e que lutam para conquistar o lugar que querem ocupar no mundo.

Minha última consideração se refere as minhas construções pessoais como mulher, bióloga, educadora e pesquisadora que tomaram forma durante os processos que levaram a produção desta pesquisa. Recentemente assisti uma palestra de uma pesquisadora feminista que analisava as questões de gênero em relacionamentos abusivos, e ela dizia que estudar essas questões nos toca profundamente e também dói, machuca. Diante dessa colocação que se mostrou extremamente verdadeira para mim no último ano deixo em forma de um poema alguns dos modos como fui tocada.

Ontem passei horas lendo sobre como mulheres são inferiores
 Hoje recebi uma mensagem da minha irmã com medo de ser estuprada na
 faculdade
 Uma menina foi estuprada no banheiro, outra na rua, outra no metrô
 Abri o navegador e comecei a digitar perguntas sem respostas
 De onde vem o ódio pelo feminino?
 Nada
 Digito de novo com outro nome, quem sabe
 Qual a origem da misoginia?
 Nada
 Minha irmã me manda outra mensagem
 A faculdade está tentando abafar os casos
 Escuto um silêncio ensurdecedor
 Um silêncio cheio de murmúrios de desesperos de irmãs, mães, filhas,
 amigas
 A pergunta não para de ressoar na minha mente
 De onde vem tanto ódio?
 O que tem em mim, o que eu carrego que faz tanto ódio florescer?
 O que precisamos deixar de ser para deixarmos de sermos mortas, abusadas,
 violentadas, excluídas, desprezadas, ignoradas.
 O que falta em mim? Em nós?
 É mesmo culpa do material genético que carrego?
 Será que é preciso que eu e minhas irmãs nos desfaçamos de cada célula de
 nossos corpos para sermos amadas, para sermos respeitadas?
 Grito aos sete ventos minhas perguntas
 Silêncio
 Espere
 Ouço mais alguma coisa
 São as vozes de minhas irmãs
 Me dizendo que não, não é culpa nossa
 Me dizendo que não, não desista de procurar
 Me dizendo mostre para eles, que não, que não somos inferiores
 Que sim, somos fortes, que sim podemos
 Obrigada irmãs.

REFERÊNCIAS

70% das vítimas são crianças e adolescentes: oito dados sobre estupro no Brasil.

Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36401054>>. Acesso em: 20 out. 2017.

A Bela Adormecida. Direção: Clyde Geronimi; Elenco Mary Costa. Estados Unidos: Walt Disney, 1959.

ALMEIDA, A. N. R.; EL-HANI, C. N. Um exame histórico-filosófico da biologia evolutiva do desenvolvimento. **Scientiae Zudia**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 9-40, jan./mar. 2010.

Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662010000100002>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRIONE, R. T. M.; LORDELO, E. R. Escolha de parceiros sexuais e investimento parental: uma perspectiva desenvolvimental. **Interação em Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 35-43. 2005.

BARROS, M. D.; CURCIO, D. F. GENÉTICA: o pão nosso de cada dia. **O Anatomista**, v. 1, n. 3, jan/mar. 2012.

BILOTTA, F. A. **Heroínas: da submissão à ação**: uma análise junguiana de personagens em filmes de animação. 2010. 186 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Núcleo de estudos junguianos, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

BREDER, F. C. **Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da disney**. 2013. Monografia (graduação em jornalismo) – Escola de comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/feminismo-e-prc3adncipes-encantados-a-representac3a7c3a3o-feminina-nos-filmes-de-princesa-da-disney.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

BUSS, D. M.; KENRICK, D. T. **Evolutionary social psychology**: the handbook of social psychology. 4. ed., v. 2, p. 982–1026. Boston, 1998.

BUSS, D. M.; SCHMITT, D. P. Sexual strategies theory: an evolutionary perspective on human mating. **Psychological Review**, v.100, n. 2, p. 204-232, 1993.

CECHIN, M. B. C. O que se aprende com as princesas da Disney?. **Revista Zero-a-seis**, v. 1, n. 29, p.131-147, jan/jul. 2014,

CHESLER, P; HUGHES, D. M. **Feminism in the 21st century**. Available in: <<https://phyllis-chesler.com/articles/feminism-in-the-21st-century>>. Acces in: 1 jul. 2018.

CITELI, M. T. **As falsas promessas deterministas**. Com Ciência. 2007. Disponível em <<http://www.comciencia.br/comciencia/index.php?section=8&edicao=26&id=303>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

CITELI, M. T. Fazendo diferenças: teorias sobre o gênero, corpo e comportamento. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, p 131-145. Santa Catarina, 2001.

DARWIN, C. R. **A origem do homem e a seleção sexual**. São Paulo: Hemus, 1974. 698 p.

EL-HANI, C. N.; et al. **Conflitos e perspectivas nas relações entre biologia e cultura**. Congresso Internacional de Saúde Mental. v.1, n. 1, p. 10-16, maio. 1997.

EL-HANI, C. N. Diferenças entre homens e mulheres: biologia ou cultura?. **Revista USP**, v. 29, p. 149-160, mar/maio. 1996.

FAUSTO-STERLING, A. **Myths of Gender: Biological Theories about Women and Men**. New York: Basic Books, 1992.

FREITAS, U. F. O Determinismo biológico do século XIX, e o genético do século XX. **Revista África e Africanidades**, v. 2, n. 5, maio. 2009.

GILBERT, S. F. **Biologia do desenvolvimento**. 5. ed. Ribeirão Preto: FUNPEC Editora, 2003.

GILMORE, D., **Misogyny: The Male Malady**, University of Pennsylvania Press, Philadelphia, p. 125, 2001.

GREIG, A.; KIMMEL, M; LANG, J. **Men, Masculinities & Development: Broadening our work towards gender equality**. Gender in Development Monograph Series. May, 2010.

GERSHONI, M.; PIETROKOVSKI, S. The landscape of sex-differential transcriptome and its consequent selection in human adults. **BMC Biology**, 2017. Available in: <<https://doi.org/10.1186/s12915-017-0352-z>>. Access in: 9 mar. 2018.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Tradução: Janaína Marcoantonio. 16. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 464 p. 2016.

HINDS, J. **Disney's 'Moana' helping woman animators make strides**. Available in: <<https://www.freep.com/story/entertainment/movies/julie-hinds/2016/11/19/moana-disney-amy-smeed/94020146/>>. Acces in: 30 jun. 2018.

HUBBARD, R. Science, Facts, and Feminism. **Hypatia**, v. 3, n. 1, p. 5-17, 1988.

IMDB. **Sleeping beauty: full cast and crew**. Available in: <<https://www.imdb.com/title/tt0053285/fullcredits>>. Acces in: 25 jun. 2018.

IMDB. **Mulan: full cast and crew**. Available in: <<https://www.imdb.com/title/tt0120762/fullcredits>>. Acces in: 25 jun. 2018.

IMDB. **Moana: full cast and crew**. Available in:

<<https://www.imdb.com/title/tt3521164/fullcredits>>. Access in: 25 jun. 2018.

LANGE, A. **Como as mulheres modernizaram as princesas Disney**. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/arianelange/como-mulheres-modernizaram-as-princesas-disney?utm_term=.fyQXIIIMXJb#.pwGLbbOLAM>. Acesso em: 30 jun. 2018.

LEWONTIN, R.; ROSE, S.; KAMIN, L. Bourgeois ideology and the origins of biological determinism. **Race & Class**, v. 24, n. 1, 1982. Available in: <<http://rac.sagepub.com/content/24/1/1.citation>>. Access in: 09 apr. 2018.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997. Disponível em: <<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lobes-louro.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2016.

KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos** : das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007. 319 p. Disponível em: <<http://file:///C:/Users/User-PC/Desktop/pcc/Historia%20dos%20Estados%20Unidos%20-%20Leandro%20Karnal.pdf>>. Acesso em: 09 maio 2017.

KELLER, E. F. "Language and Ideology in Evolutionary Theory: Reading Cultural Norms into Natural Law". In: KELLER, E. F., e LONGINO, H. E. (eds.). **Feminism and Science**, New York: Oxford University Press, p. 154-72. 1996.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. **Dictionnaire critique du féminisme**, Paris, nov. 2000.

NICOLINI, L. P.; WAIZBORT, R. F. Plumas, cantos e mentes: Darwin, a seleção sexual e o ensino da teoria da evolução. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 13, n. 2, 2013.

MACHADO, C. S. **Mulan: da canção chinesa à produção da Disney – possíveis discursos sobre gênero e identidade**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

MAGALHÃES, J. C.; RIBEIRO, P. R. C. As neurociências ensinando modos de ser homem e mulher em revistas de divulgação científica. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 8, n. 2, 2009.

MENEZES, O. B. Aristóteles, machista. **Sitientibus**, v. 3, n. 5, p. 117-120, jan/jun. 1986.

MILLER, L. M.; COSTELLO, C. Y. The Limits of Biological Determinism. **American Sociological Review**, v. 66, n. 4, p. 592-598, aug., 2001. Available in: <<http://www.jstor.org/stable/3088924>> . Access in: 10 jan. 2018.

MOANA. Direção: John Musker e Ron Clements. Produção: John Lasseter. Walt Disney Pictures, 2016. 113 min, cor.

MONTEIRO, C.; ZANELLO, V. Tecnologias de gênero e dispositivo amoroso nos filmes de animação da Disney. **Feminismos**, v. 2, n. 3, set/dez. 2014.

MORIN, E. **O Paradigma Perdido: a natureza humana**. 6. ed. Portugal: EUROPA-AMERICA, 2000. 224 p. (Biblioteca Universitária).

MULAN. Direção: Tony Bancroft e Barry Cook. Estados Unidos: Walt Disney, 1998.

NELKIN, D. **Selling Science: How the Press Covers Science and Technology**. New York: W. H. Freeman, 1995.

NETO, M. B. C.; et al. O projeto genoma humano e os perigos do determinismo reducionista biológico na explicação do comportamento: uma análise behaviorista radical. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 5, n. 1, p. 41-56, 2003.

NICHOLSON, L.; SOARES, L. F. G; COSTA, C. L. **Interpretando o gênero**. Estudos Feministas, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

NOGUEIRA, C. Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 137-153, mar. 2001.

OBAMA assina artigo feminista e diz que homens devem lutar contra o machismo. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36997918>>. Acesso em: 18 out. 2017.

OLIVEIRA, B. M.; TAVARES O. P. **Empoderamento de uma princesa: uma abordagem de gênero do filme mulan**. In: IV Congresso Nacional de Educação, 2017.

ORTNER, S. B. 1974. **Is female to male as nature is to culture?** In M. Z. Rosaldo and L. Lamphere (eds), *Woman, culture, and society*. Stanford, CA: Stanford University Press, p. 68-87.

PARISOTTO, L.; et al. **Diferenças de gênero no desenvolvimento sexual: integração dos paradigmas biológico, psicanalítico e evolucionista**. In: XVI Ciclo de Avanços em Clínica Psiquiátrica, 2003.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História (online)**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

RAMPTOM, M. The three waves of Feminism. **Pacific. The Magazine of Pacific University**, Oregon, v. 24, n. 2, 2008. Available in: <<https://www.pacificu.edu/about/media/four-waves-feminism>>. Access in: 1 jul. 2018.

SCOTT, J. W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

SCHMITZ, S. (2010). **Sex, gender, and the brain – biological determinism versus socio-cultural constructivism**. Sex and Gender in Biomedicine. Göttingen: Universitätsverlag Göttingen, p. 57- 76.

SIDANIUS, J.; CLING, B. J.; PRATTO, F. Ranking and Linking as a Function of Sex and Gender Role Attitudes. **Journal of Social Issues**, Los Angeles, v. 47, n. 3, p. 131-149, 1991.

SIGNORIELLI, N.; BACUE, A. Recognition and respect: a content analysis of prime-time television characters across three decades. **Sex Roles**, v. 40, n. 7/8, 1999.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história** : uma introdução teórico metodológica. Dourados: Ufgd, 2012. 144 p. Disponível em: <<http://200.129.209.183/arquivos/arquivos/78/EDITORA/catalogo/as-mulheres-e-a-historia-uma-introducao-teorico-metodologica-losandro-antonio-teseschi.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

TOMAZI, A. L.; et al. O que é e quem faz ciência? Imagens sobre a atividade científica divulgadas em filmes de animação infantil. **Revista Ensaio**, v. 11, n. 2, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1295/129512606009/index.html>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

UDRY, J. R. Biological limits of gender construction. **American Sociological Review**, v. 65, n. 3, p. 443-457, jun. 2000. Available in: <<http://www.jstor.org/stable/2657466>>. Access in: 8 feb. 2018.

UNITED NATIONS. **Infographic: Violence against women**. Available in: <<http://www.unwomen.org/en/digital-library/multimedia/2015/11/infographic-violence-against-women>>. Access in: 9 mar. 2018.

WOOD, W; EAGLY, A. H. A Cross-Cultural Analysis of the Behavior of Women and Men: Implications for the Origins of Sex Differences. **Psychological Bulletin**, v. 128, n. 5, p. 699–727, sep. 2002. Available in: <<http://psycnet.apa.org/fulltext/2002-15487-002.pdf>>. Access in: 9 mar. 2018.